

Entre o Risco e a Delinquência Juvenil - Antes que Seja Tarde

24 de setembro de 2026 · Portimão

João Massano

Bastonário da Ordem dos Advogados

A todos.

Eu quero deixar uma palavra inicial de agradecimento ao senhor Presidente da Câmara Municipal de Portimão, agradecer todo o apoio que tem dado à Ordem dos Advogados na realização de iniciativas na sua área de jurisdição. Já é a segunda em poucos meses.

E agradecer também a forma como, naquele café que tomámos há uns meses, abraçou de imediato a realização desta conferência perante a minha proposta e por isso agradeço-lhe muito dar-nos todo o apoio.

Tenha a certeza de que, enquanto nos quiserem, continuaremos a vir. Aliás, temos aqui uma pessoa da terra que seguramente contribuirá para que venhamos cá abaixo mais vezes.

Quero dizer também que agradeço e cumprimento o senhor Presidente do Conselho Regional de Faro pelas suas palavras e pela disponibilidade que demonstra em acolher o Conselho Geral aqui na sua área territorial.

E dizer que verdadeiramente este Conselho Geral tem procurado ser um Conselho Geral que está verdadeiramente na estrada. Há dois dias estávamos no Porto a falar sobre redes sociais e os problemas que levanta relativamente à forma como os jovens são ou não são educados. Ontem estivemos a entregar cédulas no Conselho Regional de Faro. Amanhã de manhã estaremos em Bragança a falar novamente sobre a velhice.

Tenho de agradecer à Comissão da Família e das Crianças da Ordem dos Advogados, aqui representada pela sua Presidente e duas Vogais, por me ter ajudado a concretizar um sonho que já tinha no Conselho Regional de Lisboa: realizar um ciclo de conferências que acompanhasse a vida das pessoas e nos permitisse perceber a influência do Direito nas nossas vidas, desde que nascemos até que morremos.

Em Estremoz, há duas semanas, estivemos a falar do acompanhamento daqueles que estão no final da sua vida. Hoje estamos aqui para falar do acompanhamento que necessitam aqueles que estão no início e na fase de formação das suas personalidades.

Os tempos não são fáceis e vou dar-vos três exemplos particularmente elucidativos dos problemas que temos pela frente. Curiosamente, são três jovens do sexo masculino.

Em Vagos, em outubro do ano passado, um jovem de catorze anos decorou o código do cofre onde o pai guardava a arma e matou a mãe com dois tiros. Entre o primeiro e o

segundo, ela ainda lhe disse: «Tem calma». Tapou-lhe o rosto com uma manta. Contou tudo sem tremer.

Em Algés, em agosto deste ano, um jovem de quinze anos confessou ter matado a mãe. Ficou quase um dia inteiro em casa a tomar conta da irmã de quatro anos, antes de chamar a polícia.

Barcelos, 2019. Dezasseis anos. Matou o pai à machadada. Tinha mais um ano do que o rapaz de Algés. Já foi julgado como adulto. Onze anos de prisão.

Três casos diferentes. Em Vagos, a família não estava sinalizada.

Em Algés, eu diria que os sinais se multiplicavam e foram amplamente divulgados, o que distingue do primeiro caso. A polícia foi chamada várias vezes a intervir. Tivemos processo em tribunal e, no entanto, o desfecho foi aquele que todos conhecemos.

Eu diria que o rapaz de Algés esteve dos dois lados do título desta conferência. Primeiro no risco, alegadamente, depois na delinquência. O sistema viu-o nos dois lados, nunca o viu inteiro.

questão aqui é: quem está a educar as nossas crianças e jovens? Quem é que assume o papel de ajudar a formar a sua personalidade?

Não raras vezes ouvimos os pais queixarem-se que não conseguem educar porque não têm tempo. Outras vezes ouvimos a escola a dizer que a sua missão e a sua função não é educar, que isso é trabalho dos pais.

A pergunta que fica é: no final do dia, quem é que educa realmente? Quem é que assume o papel?

Isto é o maior desafio social que temos neste momento, porque neste momento quem educa é quem está lá sempre. E quem está lá sempre é o telefone e tudo o que ele proporciona.

Alguém tem que parar este ciclo, alguém tem que fazer alguma coisa.

A questão tutelar começa aos doze anos, termina aos dezasseis.

Neste momento, nós temos a escola no bolso, mais do que nas aulas, mais do que em casa. Quem verdadeiramente educa é um smartphone que quase todos têm, ou mesmo aqueles que os pais proíbem, conseguem lá chegar através de colegas ou amigos.

Portanto, se não houver um movimento social, seguramente que as coisas não vão melhorar.

Não sei se estes três casos que eu referi há pouco são casos que podem, de alguma forma, acordar a sociedade. Tenho muitas dúvidas.

Tenho mesmo muitas dúvidas porque o que vemos são reações acaloradas e comentários rapidamente substituídos pelo comentário à desgraça seguinte. É sempre a novidade que conta, como sabemos.

E não conseguimos olhar para o que se passa no fundo da sociedade e andamos sempre a ver passar as nuvens passageiras.

Eu diria que o papel do Advogado aqui tem que ser diferente e tem que ser mais ativo, mais interventivo e nós temos que nos preparar de forma diferente enquanto Advogados.

Temos que assumir que é diferente ser Advogado na elaboração ou redação de um contrato ou ser Advogado de um menor, criança ou jovem, envolvido numa batalha de responsabilidades parentais.

Porque muitas vezes, e passo o exagero, os pais, por causa de cinco minutos de atraso na entrega da criança, são capazes de chamar a polícia, o Advogado a quem telefonam vinte vezes e iniciar um processo de incumprimento do acordo ou da decisão de regulação das responsabilidades parentais.

Perdemos a noção. Não temos noção do que estamos a fazer.

Estamos a envolver os filhos nas nossas batalhas pessoais. Não temos o direito de envolver nessas batalhas aqueles a quem demos vida e que, verdadeiramente, não sabemos educar, nem ser dignos de ser seus pais.

Eu falei uma vez numa coisa que era uma espécie de licença para ser pai. Eu acho que há pessoas que não têm capacidade nem noção do que é ser pai, da responsabilidade que implica ser pai.

Nós perdemos a noção do que somos, perdemos a noção da humanidade, perdemos a noção de tudo aos poucos. Refugiamo-nos nas redes sociais, independentemente da idade, e procuramos realizar-nos nessa, diria eu, realização virtual.

A questão é: o que fazemos, o que estamos a fazer aos nossos jovens?

Eu diria que quando nós olhamos para isto tudo, temos que pensar que os jovens precisam do apoio de todos e nunca poderá ser só o Estado, que no fundo somos todos nós, a fazer aquilo que compete a cada um de nós.

Enquanto olharmos para o Estado como sendo quem tem que fazer tudo, seja através das câmaras municipais, seja através das CPCJs, enquanto esperarmos do tribunal e esperarmos que o tribunal nos resolva os problemas que temos com o nosso cônjuge, ex-cônjuge ou que for, podem ter a certeza que não vamos ter uma sociedade melhor.

Isto faz-nos pensar no que estamos a fazer e no que é verdadeiramente a reinserção. São só proclamações genéricas em dias especiais ou após uma tragédia, em que ficamos todos muito consternados e preocupados até à próxima?

A reinserção implica perceber que mesmo quem comete um crime, como não há pena de morte em Portugal nem prisão perpétua, quem é preso vai voltar.

Por mais que se pense que estamos a varrer para debaixo do tapete um problema, esse problema vai sair de debaixo do tapete mais dia, menos dia.

E aí, se calhar já é tarde demais, porque se calhar vai haver um novo crime e o delinquente volta novamente ao estabelecimento prisional.

A questão é que, quando estamos a formar a personalidade, temos de pensar no que estamos a fazer.

Quando há centros de acolhimento em que os jovens ficam pior do que noutros ambientes familiares, centros sem condições para os acompanhar e para os ajudar a descobrir um futuro, podem ter a certeza de que o futuro não será bom.

Eu diria que, até porque há poucos dias faleceu o Jorge Palma, nós ainda temos muita estrada para andar, mas temos que a andar.

Temos de a percorrer fisicamente, presencialmente, acompanhando aqueles que verdadeiramente precisam de nós enquanto sociedade.

Porque a sociedade somos todos nós. E não basta, nem deveremos culpar o sistema de tudo, porque o sistema, como dizia o outro, seremos sempre nós.

Portanto, vamos mudar o nosso metro quadrado, porque se conseguimos fazê-lo, podem ter a certeza que mais pessoas serão contaminadas por esse metro quadrado.

Espero que a conferência seja do vosso agrado. Desejo que tenham um excelente dia e até uma próxima oportunidade. Foi um gosto.

Muito obrigado.